

**LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: A LÍNGUA PORTUGUE-  
SA COMO ESPAÇO SIMBÓLICO DE IDENTIFICAÇÃO NO  
DOCUMENTÁRIO: LÍNGUA – VIDAS EM PORTUGUÊS /  
LANGUAGE, CULTURE AND IDENTITY: THE PORTUGUESE  
LANGUAGE AS A SYMBOLIC IDENTIFICATION SPACE ON  
DOCUMENTARY: LANGUAGE – LIVES IN PORTUGUESE**

*Joelton Duarte de Santana\**

**Resumo:** A língua enquanto fator social é constitutiva de cada ser humano. A linguagem atribui a cada indivíduo, bem como a sua comunidade linguística, um modo particular e peculiar de perceber o mundo e seu entorno. A linguagem é inclusive influenciada por vários processos socioculturais e históricos. Se de fato podemos afirmar que cada língua faz sua leitura de mundo, surge então uma inquietação, como se comportaria uma mesma língua em vários continentes, em que medida influências socioculturais atuam e influenciam no processo de construção de identidade cultural. Ora definindo comunidades linguísticas, ora diferenciado grupos sociais, a língua institui-se como espaço simbólico de identificação. O documentário Língua – Vidas em Português a medida que reúne relatos de falantes de língua portuguesa em diversos continentes visa a ilustrar que a língua portuguesa a partir de

---

\* Aluno de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING - da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Email: [duarte.joelton@gmail.com](mailto:duarte.joelton@gmail.com).

processos sócio históricos e culturais tem sido fator determinante na construção de identidade, autoafirmação e legitimação das nações que de um modo ou de outro integram a comunidade linguística lusófona. Por acreditamos ser admissível instaurar um dialogismo entre Língua, Cultura e Identidade, é que desenvolvemos o presente estudo, isso porque os estudos sociolinguísticos atuais não buscam, como outrora, apenas estudar, entender ou descrever aspectos linguísticos estruturais e supraindividuais, mas, sobretudo refletir sobre relações entre sujeito, língua, identidade, cultura e história.

**Palavras-chave:** língua; comunidade linguística; cultura; construção de identidade.

**Abstract:** Language as a social element is constitutive to every human being. Language gives each person, as well as to his or her own linguistic community, an individual and peculiar way to figure out the world and its surroundings.

*Language is influenced by several processes, including sociocultural and historical ones. If we say that each language may allow its speaker to do a very own world reading, a question about its language behavior in other continents arises. This way we were able to understand how sociocultural influences could improve the whole cultural identity construction process. Both defining linguistic communities and specifying social groups, language becomes a symbolic space of identification. The movie – Language- lives In Portuguese reunites Portuguese speakers reports around the world aiming to illustrate Portuguese language as a nations identity construction, autoaffirmation and legitimation factor through social, cultural and historic processes. This study is based on the belief in such a kind of dialogism between Language and Culture. The sociolinguistic studies nowadays do not intend, as they used to, understanding or describing structural language aspects*

*and very individuals ones, but especially to reflect upon relations among subject, language, identity, culture and history.*

**Keywords:** *language; linguistic community; culture; Identity construction.*

## **Introdução**

A língua, enquanto fator eminentemente social, é fortemente caracterizada por aspectos culturais e por eles influenciada, por ser um comportamento social acaba por se tornar elemento constituinte de uma das expressões culturais de uma nação. A língua enquanto bem imaterial faz com que os limites de grupos sociais chamados nações coincidam com os seus, nesse sentido, a ausência de uma língua implicaria em um Estado recente ou artificialmente constituído.

Conceber uma língua ausente de um contexto cultural e de nação seria concordar que sem elas, a língua, conforme sugere CHIANCA (2010a), seria como um teatro de sombras mudas. Se cultura e nação são indispensáveis à língua assim como a língua para essas o é, o que poderíamos dizer sobre uma mesma língua que se faz presente em vários continentes e que tanto influencia como é influenciada por culturas distintas à medida que imprime traços de identidade e legitimidade.

FIORIN (1997) atesta que a língua mostra uma visão de mundo, e pode ser considerada, portanto, uma manifestação de uma cultura, ao necessitar dela para lhe dar suporte. A língua, nesse sentido, ao influenciar uma dada cultura e também por ela ser influenciada faria vez de traço identitário de uma nação com vistas a conferir-lhe um espaço simbólico de identificação.

Sabe-se que a língua é um dos traços culturais adquiridos em virtude de um indivíduo integrar um dado grupo social ou comunidade linguística. Todavia, acreditamos que muito se tem a explorar no que diz respeito à relação entre cultura e língua, em face da construção de uma identidade cultural.

Tomando como base o documentário Língua – Vidas em Português, dirigido por Victor Lopes em 2004, no qual se configura uma reflexão sobre a relação língua-cultura-identidade, nos propomos, através do presente artigo, tomando por base os relatos dos entrevistados, a refletir sobre a Língua Portuguesa enquanto espaço simbólico de identificação cultural, em países e continentes em que essa língua se faz presente.

Para que a discussão que visamos a propor acerca da língua enquanto elemento simbólico cultural, e conseqüentemente, identitário possa se instituir relevante não só ao presente estudo, mas aos que a esse se sucederem, é que recorreremos aos pressupostos de Chianca (2010a, 2010b), Calame-Griaule (1984), Calvet (2002), Hall (2003), Hobsbawn (1998), Legendre (1993), Neves (2005).

## **1 Língua, cultura e construção de identidade**

A língua se institui expressão da união de um povo e, conseqüentemente, fator de unificação e criador de consciência nacional, as fronteiras culturais podem existir, mas não corresponder necessariamente às fronteiras políticas.

A língua constitui-se em uma atividade essencialmente social, segundo LE PAGE (1980), o fato de a língua ser condicionada e modelada pela realidade social e cultural faz dela também um índice por excelência de identidade, posto ser ela um determinante territorial e cultural de um povo.

Conforme Tylor (1871), o termo cultura é compreendido como um conjunto complexo incluindo os saberes, as crenças, a arte, os modos, o direito, os costumes, assim como toda disposição ou uso adquirido pelo homem vivendo em sociedade. Chianca (2010a), nessa perspectiva, reforça que a cultura é algo da qual a existência é inerente à condição humana coletiva, ela é um atributo distintivo.

Logo, por ser um atributo distintivo, a cultura acaba tornando-se fator determinante de identidade. No entanto, a construção de identidade pode acontecer de diversas formas, principalmente através da linguagem. Isso por ser a língua parte social da linguagem e a linguagem manifestação do comportamento social.

De acordo com Hobsbawn (1998), a língua representa o mundo em que vivemos e, num processo circular, o mundo que vivemos é representado pela linguagem.

Se a linguagem permite-nos fazer leituras distintas e particulares do mundo e seu entorno, isso implica dizer que a forma com a qual lidamos e interagimos em sociedade influem nas manifestações linguísticas e conseqüentemente culturais. Posto ser a partir da manifestação cultural em circunstâncias coletivas que nos autoidentificamos.

Segundo Dubar (1991, p.07):

a identidade humana não é obtida de uma vez por todas no nascimento: ela se constrói na infância e, doravante, deve se reconstruir ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho; ela depende dos julgamentos dos outros quanto suas orientações e das definições de si. [...] A identidade é ao mesmo tempo estável e provisória, individual e coletiva, subjetiva e objetiva, biográfica e estrutural, dos diversos processos de socialização que constroem os indivíduos e definem as instituições.

A identidade permite que haja, então, a construção de visões de mundo, “conjunto de representações através das quais um grupo humano determinado percebe a realidade que o cerca e a interpreta em função de suas preocupações culturais”, conforme reforça Calam-Griaule (1984).

Todavia, quando essa identidade é linguisticamente construída e determinada, e muitos grupos humanos partilham do mesmo grau de complexidade linguístico e conseqüentemente identitário, em face da cultura que integram, se estabelece um novo cenário. Os estudos que aqui são empreendidos assumem novas configurações diante dos contextos em que se apresentarão a língua, nesse caso, portuguesa. Tal assertiva é endossada por Chianca (2010a), quando propõe que a língua deve ser objeto de estudo e, portanto, de análise.

Nesse caso não nos interessa descrever e analisar a língua *a priori*, mas perceber como o contexto cultural em que é encontrada pode imprimir em si traços distintos de autoafirmação e identidade quando em diversos continentes.

Entender como esse contexto cultural contribui para construção da identidade e para que cada comunidade linguística construa sua concepção de mundo, institui-se motivo da reflexão que ora propomos. Diante dessa complexidade, resta-nos aprofundar nossos conhecimentos nos conceitos que permearão toda discussão que se seguirá.

## 2 Noções de identidade

Muitos estudos têm dispensado grande interesse e atribuído grande relevância à questão da identidade<sup>1</sup>, discutida extensamente no cenário da teoria social. No que assiste aos estudos linguísticos; os sociolinguísticos, para ser mais

---

<sup>1</sup> Acerca de uma discussão pormenorizada de identidade cultural ler HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

exato, não seriam diferentes, uma vez que admitimos o caráter social da linguagem e que essa é um meio tácito de manutenção identitário de grupos sociais e linguísticos.

No que concerne ao conceito de identidade, relevante a discussão já iniciada e por ser de caráter demasiadamente complexo, tomamos a fim de exposição três concepções muito diferentes de identidade segundo Hall (2003).

Hall apresenta três concepções de identidade, a saber, a identidade do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (2003, p.02), o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da sua existência de indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

A noção de sujeito sociológico, segundo o autor, refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – que ele ou ela habitava.

Tal assertiva reforça o caráter social da linguagem e o fato de que o conceito de imagem remete-nos ao modo de nós percebemos as pessoas do nosso grupo de pertença e vice-versa, na autoafirmação da identidade, coletivamente construída.

Por fim temos o sujeito pós-moderno que é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Hall (2003, p. 03) propõe que essa identidade é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

É nessa (in)estabilidade identitária, principalmente no que remete ao aspecto linguístico, que buscamos não só refletir, mas, e sobretudo entender como a língua é capaz de influir no processo de construção de identidade haja vista seu caráter social. Nesse sentido, acreditamos que possa não só haver mudança identitária no contexto pós-moderno, mas, sobretudo, autoafirmação a partir de

elementos linguísticos, posto entendermos a linguagem ou língua como determinantes dessa.

## 2.1 Identidade nacional e identidade cultural

Se nos propusemos a entender em que medida uma língua (língua portuguesa para sermos mais precisos) que ocupa diversos espaços geográficos, e que é influenciada por diversas crenças e culturas, se configura enquanto bem imaterial determinante de um espaço simbólico identitário, cabe-nos fazer a ressalva de que o fato de uma mesma língua se fazer presente em diversos países, não implica, necessariamente, dizer que essa enquanto fator, culturalmente determinante, anule os hábitos culturais e históricos desses, pelo menos *a priori*; mas que a língua enquanto elemento identitário constituinte poderá imprimir marcas ou traços bem peculiares em seus falantes.

Desse modo, faz-se necessário e, principalmente, conveniente uma distinção entre Identidade Nacional e Identidade Cultural<sup>2</sup> para que continuemos a reflexão proposta nesse artigo.

Hobsbawn (1998), diz-nos que a ideia de nação e nacionalismo começou a ser mobilizada na Europa a partir do século XVIII para designar a identidade de cada povo. Conforme o autor, três critérios permitiam a um povo ser firmemente classificado como nação, sempre que fosse “suficientemente grande para passar da entrada”.

O primeiro destes critérios era sua associação histórica com um Estado existente ou com um Estado de passado recente e razoavelmente durável. O segundo critério, de acordo com o autor, era dado pela existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse vernáculo administrativo e literário escrito. E por fim, o terceiro critério, que era dado por uma provada capacidade para conquista.

Acreditamos que todos os países em que a língua portuguesa hoje se faz presente e que citaremos doravante, por contextualizarem os relatos do documentário, apresentam, de certo modo, algum dos critérios citados para se instituírem como tais.

---

<sup>2</sup> Acerca do processo de nacionalização ler HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz Terra, 1998.

Assim sendo, podemos afirmar que possuem, de alguma forma, identidade nacional, e não nos cabe entrar nesse mérito, principalmente porque muitos conseguiram o estatuto de nação independente num período relativamente tardio se considerados a outras nações. Valendo destacar que muitas dessas nações de cultura oral e ágrafa tiveram sua cultura e crenças rechaçadas por seus colonizadores. No entanto, no que concerne à identidade cultural, muito ainda precisa ser explicitado, isso porque muitas nações ainda exercem grande influência cultural sobre suas antigas colônias.

Fala-se em identidade cultural, esclarece Hobsbawn (1998), quando se quer referir a grupos que não se apoiam em um Estado-Nação, mas que reivindicam a pertença a uma cultura comum. O autor alerta-nos que, nesse caso, não se mobiliza a referência geográfica, e a tendência desses movimentos é ser transnacional, baseando-se em categorias tão diversas como raça, etnia, gênero e religião. Todavia, também nesse caso, trata-se de determinar um patrimônio comum e difundi-lo. Isso implica, no entanto, a revisão da história, e o questionamento da cultura hegemônica, que não os incluiu, a busca de antepassados, a criação de uma linhagem, a escolha de símbolos e até mesmo, por vezes, o estabelecimento, *senão de uma língua*, ao menos de uma linguagem.

Não pretendemos a princípio empreender uma discussão histórica, o que dispensaria muito mais tempo, espaço e esforço, mas sim reunir construtos teóricos válidos para contextualizar o questionamento e respaldar a reflexão a que inicialmente nos propusemos, muito embora saibamos que a linguagem pode ser influenciada por vários processos socioculturais e históricos, inclusive, e, portanto, tal discussão, em outro momento, tornar-se-ia válida.

No entanto, importa a esse estudo refletir em que medida a Língua Portuguesa, a língua de Camões, ou a última flor do Lácio, conforme NEVES (2005), que é falada por muitas *nações*; essas que, de uma forma ou de outra, foram ou são influenciadas pela língua portuguesa e que em termos de proporção territorial apresentam um grande número de habitantes falantes; admitem-na como espaço simbólico de identificação e autoafirmação culturais.

### **3 Comunidade linguística e comunidade social**

Considerando que um mesmo sistema linguístico pode fazer-se presente em espaços geográficos distintos, bem como ser caracterizado e influenciado por pro-

cessos históricos e sociais, convém-nos entender de que modo a língua pode ser elemento definidor de uma mesma comunidade linguística ou como, pela língua, falantes podem ser caracterizados como integrantes de diferentes comunidades sociais.

Calvet (2002) sugere que a noção de comunidade linguística é quase tão antiga quanto à própria noção de linguística. Para o autor, “uma comunidade linguística é um grupo de pessoas que age por meio do discurso”. No entanto, essa definição não é tão simples e estática como alguns poderiam imaginar.

A língua enquanto fator social, dinâmica por natureza, pode desde permitir que falantes de uma mesma comunidade falem de modo tão semelhante que uns compreendam os outros, ou pode diferenciar-se de tal modo a ponto de fazer com que pessoas de regiões vizinhas, falantes de uma mesma língua, cheguem a sequer entender umas as outras.

Todavia, a esse estudo interessa um fenômeno bem específico e peculiar, uma língua, que atravessa vários continentes e culturas, ser capaz de se instituir espaço simbólico identitário permitindo que falantes não só se entendam a partir dessa língua, que concerne a eventos de colonização territorial e econômica distintos, mas que buscam a partir dela autoafirmação tornando-a, inclusive, traço identitário.

Mesmo que falantes de um mesmo espaço geográfico pertençam a diversas comunidades linguísticas, habitantes de territórios diversos, ainda assim podem integrar uma mesma comunidade linguística, isso se considerarmos comunidade linguística nos termos de Calvet (2002, p.117), como uma comunidade de pessoas que se compreendem graças a uma mesma língua.

A partir da reflexão que tencionamos propor com esse artigo, admitimos que Africanos, Brasileiros, Indianos, Chineses e Europeus se compreendem de algum modo graças ao fato de partilharem, em contextos bem específicos, da mesma língua, conforme conferível nos relatos do documentário.

A Língua Portuguesa se faz presente em continentes muito distintos e que, embora sejam configurados por realidades sociais distintas, não se desvencilham da mesma língua e por ela têm, de algum modo, sua identidade definida.

Embora moçambicanos, angolanos, guiné-bissenses, macauanos integrem grupos sociais distintos, conforme se pode constatar no documentário, haja vista a presença da variedade de códigos e dialetos referentes às situações de comunicação distintas, esses mantêm mediante a realidade lusófona, relações não só

linguística, mas e, sobretudo identitária com brasileiros, portugueses, indianos, japoneses e chineses que mesmo em contextos de colonização distintos em algum dado momento da história, sincrônica ou diacronicamente escolheram ou passaram a pertencer a essa comunidade linguística, mesmo que nem sempre a partir de iniciativas tão voluntárias.

Após termos reunido conhecimentos válidos e pressupostos importantes para a presente discussão, seguiremos com a discussão acerca do documentário, essa que busca ilustrar como cultura, língua e identidade relacionam-se e tornam-se um processo dinâmico, cíclico, ininterrupto e recíproco com vistas a permitir a emergência de espaços simbólicos de identificação.

#### **4 Língua: Vidas em Português – Seleção de contexto**

Milhões de pessoas falam português. A Língua Portuguesa ao longo dos anos tem se feito presente em vários continentes. Nações com culturas e crenças distintas partilham de uma mesma língua. Alguns a utilizam nos negócios, outros para pregação e difusão da religião, outros a utilizam como instrumento de trabalho e outros precisam se apropriar efetivamente dela na tentativa de ascensão de status e autoafirmação.

Conforme os dados e relatos do documentário Língua - Vidas em Português, em Goa-Índia, 60 mil pessoas falam português. Em Moçambique, 8 milhões de pessoas. Em Portugal, 10 milhões de pessoas falam português. No Brasil, 170 milhões de pessoas. Em Angola, 8 milhões de pessoas falam português. Em Guiné-Bissau 500 mil pessoas. Em Macau-China 40 mil pessoas falam português. No Japão, 300 mil pessoas. América, África, Ásia e Europa, quatro continentes, um só idioma. A lusofonia se desloca pelo mundo. A língua portuguesa permanece entre várias culturas, somando-se a elas, permitindo que seus falantes construam novas identidades e se autoafirmem fortalecendo às já existentes.

Conforme Chianca (2010b, p.01), a cultura institui uma relação entre o estado de uma tradição, de uma aquisição social e de um processo individual de aquisições morais e intelectuais. A língua enquanto fator social soma-se a esse processo. Assim sendo, a língua contribui na determinação da identidade cultural, uma vez que assim como crença, arte, modos e costumes, a língua também é determinante de uma cultura.

Num contexto em que cada vez mais se fala de multiculturalismo e globalização, faz-se necessário refletir como uma língua, capaz de organizar o mundo, produzir conhecimento e fazer com que seu falante interaja com o mundo social se comporta em meio a tantas culturas e como essa relação entre cultura, língua e identidade pode-nos ajudar inclusive a entender como a língua tem se configurado enquanto fator cultural e identitário na contemporaneidade.

Através da discussão proposta no presente artigo, acreditamos que seja possível não só entender, mas descrever como aspectos linguísticos, culturais e identitários de uma língua que faz vez; ora de língua materna, ora de língua franca, pode, de algum modo, construir conhecimento de modo a auxiliar e otimizar práticas de ensino de língua materna e, ou estrangeira, isso se considerarmos que língua e cultura são indissociáveis e se autodeterminam.

#### **4.1 Milhões de pessoas falam português: relatos sobre a língua portuguesa**

Rosário Macário, padeiro, habitante de Goa-Índia, fala a língua portuguesa. Mesmo tendo recebido sua educação em língua inglesa e ter influência de várias outras, diz que o português é uma boa e bela língua, diz inclusive que gosta de pensar em português.

Mia Couto, escritor, habitante de Moçambique-África, faz da língua portuguesa seu objeto de trabalho. Enquanto escritor diz que o português é uma língua vivaz e dinâmica, capaz até de introduzir tonalidades e variações que enriquecem a própria língua. Esse fenômeno, segundo o referido escritor, não só ocorre do ponto de vista linguístico, mas do quanto ela pode traduzir culturas. Mia Couto assevera que devido a um inevitável processo histórico que se encontra para além da língua, diversas culturas se mestiçaram e fizeram com que a língua adquirisse tamanha dinamicidade.

É perceptível, em observância ao documentário, a grande força que a língua portuguesa exerce sobre as culturas que com ela dialogam, seja através do processo de colonialismo ou pelo processo de globalização.

José Saramago, escritor lisbonense, ousa dizer que não existe a língua portuguesa, mas sim línguas em português, haja vista que muitas culturas influem à língua, porém partilham do mesmo esqueleto, do mesmo espectro. O escritor ainda diz que a língua é mais do que um mero instrumento de comunicação, mas transforma-se em uma mina inesgotável de beleza e valor para construção de identidades culturais.

Deveras a língua se faz dinâmica, isso se considerarmos o contexto linguístico, principalmente das línguas naturais na América. Convém lembrarmos que embora línguas autóctones de aldeias indígenas ágrafas tivessem seus dialetos registrados em muitos dos diários de navegantes portugueses, no período colonial, foi o latim a língua utilizada para e na formação religiosa dessas tribos.

A reflexão que tencionamos propor valendo-nos do presente documentário, tomando o contexto lusófono, vai para além de uma abordagem fonética e fonológica e mais ainda lexical, embora estejamos cientes de sua relevância. No entanto, o que nos importa é refletir como a língua se conjectura para determinar a identidade cultural de uma nação que por si só já dispõe de uma grande diversidade cultural e mais do que isso o porquê de ser relevante perceber a língua enquanto bem cultural e elemento definidor de uma identidade sócio-historicamente falando.

Conforme Mateus (2002) não se pode avaliar a lusofonia simplesmente como um conjunto de espaços geográficos em que os usuários se comunicam. Trata-se de uma afirmação de identidade, posto ser uma forma de manifestarmos nossa diferença.

Muitos países, os que já adquiriram e mesmo os que estão longe de adquirir tal afirmação, mesmo inseridos no contexto de identidade nacional, têm recebido grande influência linguística do português devido à dinamicidade da língua, influenciando na afirmação política e na busca identitária de seus falantes.

Márcio Freitas, ambulante, habitante do Rio de Janeiro - Brasil, apropria-se da língua portuguesa, mais precisamente da variedade padrão da norma culta<sup>3</sup>, como forma de deter certo prestígio, ou maior credibilidade, de modo a garantir-lhe certo prestígio ante as pessoas às quais se dirige. Também utiliza a língua como instrumento de evangelização e conversão, enquanto cristão evangélico. Esse contexto nos faz perceber como a língua, fator social, é capaz de manifestar-se e adequar-se às mais diversas situações sociocomunicativas e para todas elas acaba agregando ao seu falante certos traços culturais.

Rogério Gomes, ambulante, também habitante do Rio de Janeiro é influenciado por suas crenças. Vendedor de bombons pela manhã, diz que, todas as noites, vai ao terreiro de umbanda conversar com os orixás.

---

<sup>3</sup> Acerca da norma culta, conferir KOCH, I.V. & TRAVAGLIA L.C. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1995.

É fascinante perceber como uma língua pode comunicar-se com tantas crenças e a partir dela instaurar diversas realidades discursivas, ao mesmo tempo, que permite ao seu falante construir, conforme sugere Chianca (2010a), sua autoimagem, imagem do próprio grupo (comunidade linguística) e a heteroimagem, imagem de outros grupos atribuindo a esses uma forma peculiar e particular de perceber as pessoas em sociedade.

Mário Miranda, ilustrador, mora em uma pequena aldeia chamada Loutolim em Goa na Índia. Devido ao processo de colonização da região diz que habita em uma casa de 320 anos que passou entre parentes de geração a geração. Essa forte influência colonizadora portuguesa faz com que Mário receba até os dias atuais influência dessa raiz cultural e linguística.

Dona Rosa Costa Dias, dona de casa, vizinha de Mário Miranda, o recebe frequentemente em sua casa para que possam praticar a língua portuguesa. Por viverem numa região que recebe muita influência de outras línguas, precisam praticar a língua que gostam, diz Dona Rosa, que, muito católica, reza os terços em latim. Mário ainda diz que conta em português, enquanto Dona Rosa diz que pensa em português. Notamos a língua e a cultura contrastando-se para permitir ao seu falante fazer um recorte ou uma leitura do mundo e seu entorno, tanto num contexto de comunidade linguística ou de grupo social.

Emiliano da Cruz, músico e fazendeiro, também habitante de Goa, recebeu grande influência linguística, principalmente através da música portuguesa, uma vez que as emissoras de rádio da cidade transmitiam toda a programação em português. Musicista, Emiliano reproduz em suas apresentações em hotéis músicas tipicamente portuguesas, que reforçam o caráter cultural da região, grande atrativo para os turistas.

Alfredo Guembo, estudante, habitante do Grande Hotel – ruínas do que fora outrora um hotel de luxo agora ocupado por pessoas sem moradia e assistência públicas - em Moçambique, diz querer oferecer melhores condições à família. Embora fale português, recebe muitas influências dos “*rappers*” norte-americanos, e acredita estar nos Estados Unidos a esperança de um futuro próspero. Note-se, a partir da referida ilustração, a influência do processo de globalização influenciando o campo linguístico, muitas vezes resultando em uma colonização cultural.

Ainda é possível encontrar no Grande Hotel um grande número de adeptos, ou seguidores do islamismo. Moçambicanos param cinco vezes para reverenciar Alá e lerem o alcorão, como todos os mulçumanos costumam fazê-lo. É interes-

sante analisar como letras de músicas de *rappers* americanos, costumes religiosos islâmicos são manifestados por uma realidade linguística que não a sua de origem, mas que através dela se dão a conhecer e que, de algum modo, vêm a permitir que identidade e cultura relacionem-se recíproca e indissociavelmente com aspectos linguísticos, sobretudo.

A língua portuguesa transita por todas essas culturas e por elas também é influenciada. Afinal de contas, conforme reforça Saramago em seu relato no presente documentário, a língua é formada por palavras, as palavras passam pelo estado rudimentar e vão ao mais complexo, através da linguagem (palavras) exprimimos emoções, sentimentos, professamos nossa fé, quanto mais palavras nós sabemos, mais somos capazes de expressar o que pensamos. Assim sendo, seria em meio à cultura, conforme nos dá a entender Saramago, que integramos é que seríamos capazes de fazer nossa leitura de e do mundo.

O que se vê é que: “ações de atores sociais diversos, de tão diversos espaços geográficos e administrativos, de tão diversas culturas, histórias e modos de vida, convergem pela ação da língua comum, no que denominamos espaço de identificação”. (MATEUS, 2002, p. 12)

Fátima Embalo, comerciante, residente de Guiné-Bissau, diz que o país recebeu um grande fluxo de africanos, indianos e chineses. Isso permitiu a implementação do comércio nos setores de vestuário e de gastronomia. Fátima diz ainda que não obstante a diversidade cultural, todos vivem e lidam muito bem uns com os outros.

Dai Shaori e Liandi Xu, comerciantes chineses, dizem que o português é uma língua muito bela, e dizem que se sentem à vontade de se expressarem numa língua que é “mais humana” que as outras. A língua, portanto, como condição de relação humana, instaura realidades, versões discursivas do mundo.

Naoki Ikawa, cozinheiro, habitante de Tóquio - Japão, diz que se comunica em japonês, mas pensa em português, muito embora fale português com seus amigos brasileiros. Diz que a música brasileira é aceita pela cultura asiática, em contrapartida, os estrangeiros brasileiros não.

Um grande colonialismo que a contemporaneidade tem vivido é o cultural e linguístico, na maioria das vezes não sendo necessárias guerras para influenciar cultura e língua de outras nações e nem ser necessário um país estrangeiro ter que receber um grande contingente de habitantes provenientes de outros países, a exemplo do colonialismo linguístico e cultural dos Estados Unidos em que muitos

latino-americanos, por exemplo, em determinados momentos escolhem integrar, seja em busca de autoafirmação ou ascensão de um pretense *status quo*.

Módi Sucá, empresária, e Rui Sucá, bancário, casados, residem em Maputo-Moçambique. São mulçumanos e dizem que recebem muita influência de outras culturas, principalmente no que diz respeito ao vestuário. É possível notar grandes contrastes culturais em Moçambique, a partir das imagens do documentário, seja em Maputo capital do país, seja em Inhaca uma ilha a 30 quilômetros de distância da capital, ilha em que os habitantes ainda cultuam a natureza e antepassados por meio de cultura e dialetos primitivos. Vale ressaltar que ambas as cidades têm a língua portuguesa como língua oficial, assim sendo, embora integrantes de grupos sociais distintos, passam a integrar uma mesma comunidade linguística, em que língua determina e é determinada pela cultura e história de seus falantes.

Jack Almeida, militar, e Arthur Mussa Conselho, sapador, (desativador de bombas) participam de um programa militar em Bikusso, Moçambique. Em meio a tantos perigos buscam fazer com que a região torne-se novamente habitável. Em velhas construções os filhos dos habitantes de uma região dizimada por várias guerras, sem estrutura política ou econômica alguma, estudam a língua portuguesa em busca da autoafirmação e legitimação dos seus direitos.

Tanto no exemplo em que remete ao fato de moçambicanos recorrerem à língua portuguesa em busca de legitimação de seus direitos, como no exemplo acima referido aos latino-americanos em busca da língua inglesa na tentativa de ascensão do *status quo*, temos o que Calvet (202, p.106) sugere como *mercado linguístico*, no qual o valor de diversas línguas e ou dialetos são medidos em comparação à língua dominante. Nesse caso o autor nos remete a metáfora econômica em que a língua é sinal exterior de riqueza e a busca de falar ou integrar uma dada comunidade linguística confere ao seu falante força, riqueza e autoridade simbólicas.

Ademais, Mateus (2002, p. 12) nos diz que, quanto mais o indivíduo adquire consciência de seu papel na sociedade mais ele busca definir para si o estatuto de usuário da língua prestigiada, e cada vez mais pensa a língua como um meio de afirmar-se e identificar-se valoradamente.

Teresa Salgueiro, musicista lisbonense, em visita ao Brasil diz que falamos a mesma língua e que ela não é falada da mesma maneira. Por isso, reforça Pedro Ayres, amigo de Teresa e também musicista, que não faria nenhum sentido ler Os Lusíadas<sup>5</sup> no Brasil, devido a essa diferença linguística.

---

<sup>4</sup> CAMÕES, Luís Vaz, publicado em 1572.

Acreditamos que mais do que referência à diferença linguística contida em Os Lusíadas que Pedro Ayres fez menção seja importante atentarmos a diferença contextual e, sobretudo, cultural em que essa obra fora escrita uma vez que ao ser escrita nessa língua e contexto específico a referida obra confere um *status* bem específico a Portugal e seus habitantes, ao contrário do que conferiria ao Brasil.

O escritor João Ubaldino, brasileiro, diz que a língua portuguesa caminha em direção à língua brasileira, devido a sua diversidade. Diz ainda que temos uma pluralidade de culturas e subculturas e que recebemos influência de outros povos. É devido a essa história que nossa língua não pode ser denominada como portuguesa, reforça o escritor.

Manohar Saardesai, poeta, habitante de Loutolim – Índia, diz que mudaram a língua da cidade do português para o inglês em um ano. O poeta diz que não entende o porquê do fenômeno, “não somos portugueses, somos indianos, mas ainda assim uns falam inglês e outros português”, diz. Diz ainda que alguns habitantes da região eram menosprezados porque falavam o português.

Na atualidade a língua portuguesa, nesse país, adquire outro status. É perceptível, e a assertiva do poeta reforça o fato de que deveras existem relações entre Língua e Poder.

A língua, nesse sentido, torna-se, na contemporaneidade, capital linguístico em que os discursos são signos de riqueza e de autoridade. Quanto mais um falante possui “capital linguístico”, capital essencialmente simbólico, mais é reconhecido e autoafirmado mediante sua comunidade e outras comunidades linguísticas e grupos sociais.

Dilo Monteiro, estudante, também lisbonense, diz que na atualidade muito se fala de globalização e multiculturalismo na Europa. Todavia, diz o estudante não saber se é uma novidade ou se é uma maneira de se refletir sobre os aspectos culturais do agora, uma vez que segundo ele, as seis colônias, a mestiçagem e o multiculturalismo já aconteceram há muito tempo. No entanto, seu colega Jardel Vieira, também estudante, discorda. Diz que os valores vão se perdendo porque há uma mistura, havendo uma globalização das pessoas e das culturas.

Eis a intenção de promover a presente reflexão nesse trabalho a partir dos relatos encontrados no presente documentário. Todos esses relatos vêm reforçar o caráter sociocultural da língua que se manifesta através de diversos fins comunicativos agregando e modelando à cultura de uma nação seja conferindo a esta traços identitários ou de autoridade e poder.

Os relatos acima trazem à tona várias inquietações sobre aspectos linguísticos e culturais de extrema relevância para os estudos sociolinguísticos da contemporaneidade. Os olhares, no presente século, devem ser voltados para as relações entre cultura, história, sociedade e língua posto ser através destes que nos autoafirmamos como seres linguísticos e culturais. Pensar em língua não mais consiste em descrever sistemas estruturais de um falante ideal, pensar em língua é pensar em cultura e como a língua pode se instituir condição de autoafirmação cultural e identitária.

#### 4.2 Aculturação e enculturação

Ao utilizarmos a mesma língua falada como fator característico de determinadas comunidades linguísticas, não se pode evitar que nessas dadas comunidades outros aspectos, sejam culturais, sociais, históricos, para além dos linguísticos, deixem de atuar tornando-as grupos sociais bem específicos. Desse modo, o contato linguístico com aspectos culturais e sociais distintos podem atuar de modo definitivo na construção da identidade de um país e de seus habitantes em vistas a sua autoafirmação enquanto nação e legitimando-a como tal.

Nesse sentido por entendermos os contrastes da língua portuguesa com culturas tão distintas como a asiática, européia, africana trazemos alguns conceitos que possam nos ajudar a entender como elementos tão distintos, mas imprescindíveis para a construção e afirmação identitária se relacionam e atuam entre si.

Processos de *aculturação* atuam, segundo Chianca (2010) quando grupos de culturas diferentes estão em contato constante e há troca ou empréstimos linguísticos independente da cultura dominante.

No entanto processos de *enculturação* ou socialização podem igualmente atuar nesses grupos quando seus integrantes são levados a se adaptar às novas situações e contextos culturais resultando em comunidades linguísticas bem definidas.

A reflexão que buscamos propor nesse artigo não está no âmbito de perdas ou empréstimos linguísticos, muito embora julgássemos conveniente trazer alguns conceitos concernentes a essa realidade a título de informação; mas única e exclusivamente para entender que, independente do fluxo imigratório, de identidade nacional e crença, países que partilham de uma mesma língua têm leituras distintas da realidade e distintamente organizam o mundo.

Desse modo, uma vez mais reforçamos a definição de visão de mundo defendida por Calame–Griaule (1984), “visão de mundo é o conjunto de representações através das quais um grupo humano determinado percebe a realidade que o cerca e interpreta em função de suas preocupações culturais”.

Chianca (2010b, p. 04), salienta que a cultura faz a língua, e igualmente a língua constitui a cultura. Essa relação complexa de reciprocidade precisa ser explorada de modo que seja possível entender doravante quais implicações tal relação pode trazer para estudos sociolinguísticos futuros.

Não nos propusemos a trazer nesse artigo uma abordagem etnográfica ou estritamente variacionista, isso porque não se institui o escopo dos pressupostos dos teóricos de que nos apropriamos, tampouco apregoar o monolinguismo nos países citados, até porque no Brasil é sabido haver uma grande variabilidade linguística e cultural e ser a própria língua materna plural, ou tampouco promover ainda uma abordagem etnocêntrica, induzindo a intolerância das formas morais, religiosas, sociais e estéticas de uma determinada sociedade aqui apresentada. O que buscamos foi refletir em que medida a língua portuguesa pode assumir a vez de manifestação cultural e espaço simbólico identitário nos países apresentados.

A partir da discussão proposta, buscamos, então, voltar as atenções para um aspecto relevante aos estudos linguísticos contemporâneos, seja de língua materna ou de língua estrangeira, em que seja admissível instaurar um dialogismo entre Língua, Cultura e Identidade, isso porque nos dias atuais não se busque, como outrora, apenas estudar, entender ou descrever aspectos linguísticos estruturais e supra-individuais, mas sobretudo refletir sobre relações entre sujeito, língua, identidade, cultura e história.

## **Conclusão**

As discussões propostas no presente artigo acerca da dinâmica relação entre língua, cultura e identidade visam a redirecionar os olhares dos estudos da linguagem no presente século. Essa relevância não nos surpreende se efetivamente considerarmos a reciprocidade e não intermitência da relação citada, posto que seja a linguagem um fenômeno social.

Se ainda existiam quaisquer tipos de mitos acerca da influência linguística na determinação ou afirmação da identidade cultural, considerando inclusive a identidade nacional, essas não mais podem existir. Os estudos contemporâneos da

linguagem devem incluir cada vez mais os aspectos culturais como influentes da língua e vice-versa.

Se a língua determina a cultura, e a língua conta como traço cultural de uma nação, ou grupo, esse pressuposto deve ser considerado no projeto de estudo e análise das línguas naturais. Não podemos nos restringir a conceber a língua como uma sequência linear inerte às influências contextuais e socioculturais.

Tomando com referencial o presente estudo e a discussão acerca do documentário, Línguas - Vidas em português, podemos entender a complexidade que cerca o cenário da Linguística do século XXI, isso se entendemos que as identidades são socialmente construídas, linguisticamente influenciadas e culturalmente determinadas.

É necessário, portanto, não só entender, mas refletir que a língua se constitui muito mais que um instrumento de comunicação, de afirmação política ou de efetivação dos direitos enquanto cidadão, a língua institui-se, sobretudo, segundo Mateus (2002), um elemento de definição, manutenção e preservação de identidade.

Se de fato vivemos em mundo globalizado, num contexto de multiculturalismo, espera-se então que possamos contar com políticas culturais e linguísticas que nos permitam continuar a desenvolver os estudos sobre as línguas e as culturas nelas envolvidas, permitindo, não só que nós pesquisadores, mas, sobretudo, a nós falantes de uma língua, um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre Língua e Vida Social.

## Referências

CALAME-GRIAULE, G. *Quand un ethnolinguiste observe*. Dans le Français dans le monde. n. 188, p.37-42, Paris: Hachette, 1984.

CALVET, J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CHIANCA, R. M. S. *Tópicos em Sociolinguística I* (notas de aula). PROLING/ Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2010a.

\_\_\_\_\_. Transcrições de algumas definições. In: *Tópicos em Sociolinguística I*. PROLING / Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2010b.

DUBAR, C. *La socialisation. Construction des identités sociales ET professionnelles*. Paris: Armand Colin, 1991.

SANTANA, J. D. Língua, cultura e identidade

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOBSBAWN, E. *Nações e Nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LEGENDRE, R. Dictionnaire Acutel de l'Education. 2.ed. *Education 2000*. Montréal, Guérin/Paris: Eska, imprimé au Canadá, 1993.

LE PAGE, R. B. Projection, Forcusing and Diffusio. *York Papers in Linguistics*, 1980.

MATEUS, M. H. M. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

NEVES, M. H. M. O Brasil no contexto da construção de uma identidade linguística no mundo lusófono. In: RIO-TORTO, G. M. et al. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p.643-656.